

Moratória unilateral é uma

Rio — O vice-presidente da Confederação Nacional da Indústria, Paulo Vellinho, disse, no Rio que “é uma loucura” a proposta de moratória unilateral, como solução para o problema da dívida externa brasileira no documento divulgado pelo PMDB, através do seu presidente, deputado Ulysses Guimarães.

Segundo acrescentou “somente uma demonstração de inexperiência e uma preocupação demagógica poderia levar o político a propor uma medida que repousa no “devo, não nego e pagarei quando puder”, cujas implicações sociais para a economia brasileira seriam muito grandes”. Para Vellinho, os empresários querem uma solução política onde seja adequada a factibilidade da negociação às possibilidades da nação, “sem pagar um preço social e econômico tal como estamos pagando”.

Afirmou que o documento do PMDB só se assemelha ao dos empresários na preocupação quanto a atual crise econômica brasileira, mas difere em todos os sentidos quanto às propostas apresentadas, porque “nós somos muito mais analistas no encaminhamento das soluções e explícitos nas suas consequências”.

Para o Vice-Presidente da CNI, o que o deputado Ulysses Guimarães propôs, “foi a paralisação do país, aumentando, dessa forma, o clima de dúvida quanto às medidas a serem tomadas para a recuperação do Brasil”. Acrescentou que a proposta do

PMDB, de reajustar a economia durante um pedido de moratória, “só pode gerar, sem dúvida alguma, maior recessão e um nível de desemprego inimaginável”.

Paulo Vellinho concordou com a necessidade de se promover urgente recuperação da atividade econômica do país, ao ressaltar que os empresários não conseguem entender que se tenha de pagar um preço tão alto para resolver os problemas. “A reativação econômica só será possível após nos liberarmos dos grilhões com que, hoje, nos prende à renegociação da dívida externa”.

No entanto, mostrou-se contrário à proposta de extinção do “open market” (mercado aberto) proposta pelo PMDB, por entender que seria a mesma coisa que se estabelecer “um calote generalizado, pois quem pagaria tantos títulos do Tesouro?” Mesmo reconhecendo que a dívida interna “é avassaladora”, Vellinho disse que não poderia aceitar a proposta do fim do “open”, porque essa dívida está muito vinculada com o déficit público, hoje em níveis elevados devido à concessão de investimentos acima da capacidade do país.

Quanto à “proposta de pacto social, econômico e político defendido pelo vice-presidente Aureliano Chaves, Vellinho disse que “essa será a melhor forma para encontrarmos a solução dos nossos problemas, e ela será seguida pelo presidente Figueiredo, com quem os empresários terão total diálogo”.

Loucura, diz Vellinho